

ZIRIN, D. **O Brasil dança com o diabo** – copa do mundo, olimpíadas e a luta pela democracia. São Paulo: Lazuli, 2014.<sup>1</sup>

**Maria Thereza Oliveira Souza**

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil

**André Mendes Capraro**

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil

Os debates sobre os megaeventos esportivos sediados no Brasil se intensificaram nos últimos anos, tanto em obras acadêmicas, jornalísticas ou investigativas quanto em variados programas televisivos ou em outros meios midiáticos (sobretudo, as redes sociais). Dentre esses, o livro *O Brasil dança com o diabo* destaca-se por revelar uma visão diferenciada, já que traz demonstrações do panorama vivido pelas classes baixas, segundo o autor, as mais prejudicadas pela realização desses megaeventos.

Seu autor, o jornalista e escritor estadunidense Dave Zirin, faz uma descrição parcial – dir-se-ia até encantada – sobre a cultura e o povo brasileiro, mas, ao mesmo tempo, denunciadora no tangente à organização da Copa do Mundo de 2014 e dos Jogos Olímpicos de 2016. Zirin é bastante reconhecido como pesquisador de política esportiva. Publicou outros títulos, como: *Game over, Bad sports* e *A people's history of sports in the United States*. É também editor da revista *The Nation*. Como escreveu Juca Kfourri na contracapa da obra, seu texto revela “[...] uma visão de fora sobre o nosso Brasil por dentro”. O livro foi lançado nos Estados Unidos em maio de 2014 pela editora Haymarket Books e no Brasil, no mesmo ano, pela editora Lazuli, após a tradução de Emília Flávia Ortiz Ramos.

Logo de início, Zirin explica os motivos que lhe fizeram pesquisar os meandros da organização desses megaeventos, revelando também seu medo por falar de um país tão distinto e complexo como o Brasil. Segundo ele, adentrar essa história era demasiadamente tentador: “[...] um país famoso no mundo inteiro por sua capacidade de fazer uma festa sediaria as duas celebrações globais mais estrondosas existentes” (ZIRIN, 2014, p. 19). Ainda antes, o escritor havia narrado a sua aventura na busca pela estátua de Michael Jackson na favela de Santa Bárbara no Rio de Janeiro, monumento que havia sido construído após a gravação do clipe da música *They don't care about us* (Eles não se importam conosco), realizada nas escadarias da comunidade fluminense, em 1995. Segundo Zirin, o governo brasileiro tentou impedir a realização das gravações, com medo de que a imagem de capacidade administrativa que vinha sendo criada numa campanha para ser sede das Olimpíadas de 2004 fosse afetada pelos graves problemas encontrados em Santa Bárbara. O autor traz tal exemplo no intuito de problematizar a similaridade com o momento vivido pelo país. Segundo ele, a música “é de uma atualidade gritante” (ZIRIN, 2014, p. 13).

Com escrita literária simples e estratégia de confrontar vários posicionamentos, o jornalista problematiza o fato de que a economia brasileira estava em amplo crescimento em 2007, período no qual o país foi eleito para sediar a Copa do Mundo de 2014. Defende que o intuito era de “[...] usar a Copa do Mundo e as Olimpíadas para projetar sua imagem externa

---

<sup>1</sup> O presente trabalho contou com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

para o mundo como uma nova potência do Século XXI e para dar continuidade, internamente, a um processo de neoliberalismo conduzido pelo Estado” (ZIRIN, 2014, p. 32). O problema foi que as autoridades locais lutaram para não reconhecer que a situação do país a partir de 2012 já havia se transformado completamente. O autor também pontua que, para garantir uma boa avaliação estrangeira e a segurança dos ricos espectadores, as cidades que sediariam a Copa do Mundo passaram por processos de despejo de moradores, na tentativa de manter as favelas e seus problemas longe dos olhos do mundo. Para o conhecedor da história do país, o livro instiga uma questão: seria então uma nova tentativa de higienização forçada das cidades, assim como a história do início do século XX, principalmente no Rio de Janeiro, evidencia?

Zirin também se propõe a tarefa ambiciosa: contar em poucas páginas a história política do Brasil a fim de elucidar como o país chegou ao contexto atual, demonstrando que a FIFA e o COI são apenas os mais recentes usurpadores das riquezas brasileiras. Além disso, lança-se a tratar de Luiz Inácio Lula da Silva, o qual demonstra ter sido o presidente com maior margem de aprovação da história da política democrática. Afirma que Lula conseguiu agradar simultaneamente dois polos distintos: os milhões de brasileiros que tirou da linha da miséria e o milionário mercado neoliberal. Ele ainda defende que o ex-presidente deu uma tremenda sorte em deixar seu cargo no momento em que o falso paraíso financeiro brasileiro começava a desaparecer. O ônus ficou todo com a sua sucessora – Dilma Rousseff.

Afirmado que “conhecer o futebol do Brasil é conhecer como o Brasil vê a si mesmo” (ZIRIN, 2014, p. 118), o jornalista conta resumidamente a história do futebol no Brasil, reforçando as ideias de Mário Filho (mesmo sem citá-lo) sobre como os negros e os pobres tomaram posse desse esporte. Comenta as importantes trajetórias de jogadores como Pelé, Garrincha e Sócrates, além de denunciar o sexismo com que o futebol é tratado no país, lembrando que nada foi feito para o desenvolvimento do futebol feminino no Brasil na oportunidade de organização da Copa de 2014.

Utilizando de seu característico tom crítico, Zirin anuncia: “Os países não querem esses megaeventos *apesar* das ameaças ao bem-estar público, dos projetos de construção complicados e da repressão que os acompanha, mas *por causa* deles” (ZIRIN, 2014, p. 156). O autor relembra que 20 mil casas já haviam sido destruídas no Rio de Janeiro para a realização das obras relacionadas às Olimpíadas e afirma que a ideia de “limpeza” foi utilizada pela primeira vez pelo governo nazista nas Olimpíadas de 1936, em Berlim.

Mais um desses exemplos: “Quando tudo que você tem é um martelo, todas as coisas se parecem com um prego. Quando você é o COI ou a FIFA, todo país, independentemente do quão único seja, está sujeito aos mesmos conjuntos de expectativas” (ZIRIN, 2014, p. 177). O escritor utiliza tal metáfora para demonstrar como os problemas enfrentados pelas cidades ou países-sede acabam por paulatinamente minar a euforia com que a notícia é recebida de início pela população. Isso acontece principalmente porque os interesses dos locais são sobrepujados pelo desejo de lucro das milionárias empresas patrocinadoras e das fraudulentas instituições organizadoras. Ou seja, o modelo que essas instituições seguem não leva em consideração as particularidades e necessidades de cada país.

Zirin ainda conta suas experiências nas favelas do Rio de Janeiro, locais que foram os mais atingidos pelas desocupações em decorrência da Copa do Mundo e, principalmente, das Olimpíadas. Ele relata que, como a maioria das pessoas, acreditava que as favelas eram locais onde seria impossível andar sem colete à prova de balas, mas descobriu que sua visão havia sido construída a partir de exageradas narrativas criadas pela mídia, as mesmas que agora estavam sendo usadas como pretexto para a desocupação das comunidades. Também demonstra, por meio das falas dos próprios moradores, que o governo utiliza de estratégias sutis para conquistar territórios, ou seja, propõe trocas que parecem lucrativas aos moradores, mas que, posteriormente, se mostram enganosas, como a realocação para bairros distantes de seus locais de trabalho e famílias. O jornalista também relata casos de resistência, como os ocorridos

na Vila Autódromo, comunidade na qual os moradores formaram grupos para discutir estratégias de combate aos despejos e de garantir visibilidade à sua luta, principalmente usando as redes sociais.

De forma conclusiva, Dave Zirin se mostra entusiasmado com as manifestações populares que tomaram muitas cidades brasileiras, anteriormente e durante a Copa das Confederações de 2013. O escritor critica os depoimentos de Dilma Rousseff, Joseph Blatter (presidente da FIFA na época), Ronaldo e Pelé, que tentavam, frequentemente, amenizar os levantes populares com discursos ressaltando a beleza das grandes competições de futebol e o amor do povo brasileiro por este esporte. Ele finaliza seu livro defendendo que Romário definiu bem o que a FIFA e o COI fazem nos países que “visitam”: se tornam o presidente ou mesmo o Estado por um determinado tempo. Zirin ainda deixa uma mensagem em forma de alerta: “Se formos arrastados pela Copa do Mundo, mas esquecermos dos joões-ninguém que foram varridos, então não devemos nos surpreender quando a FIFA ou o COI baterem novamente às portas de nossas cidades e descobriremos que nós é que viramos joões-ninguém” (ZIRIN, 2014, p. 254).

O jornalista mostra, de uma forma detalhada e multifacetada, que há a tentativa de que a identidade brasileira seja escondida, para que aqueles que têm condições de aproveitar as competições (principalmente estrangeiros) sintam-se seguros nas cidades-sede e, principalmente, para que as grandes empresas e instituições consigam os lucros possíveis. O Brasil, por sua vez, aceitou essas condições no intuito de passar a impressão de segurança e desenvolvimento nacional aos olhos do mundo e enriquecer poucos à custa do dinheiro público.

Conclui-se que existem dois grandes méritos na obra: defender os possíveis motivos para a eclosão das manifestações populares no Brasil de uma forma clara e bem articulada, além de demonstrar, por meio de uma perspectiva bastante solidária e realista, os posicionamentos das pessoas prejudicadas pela realização dos megaeventos. Apesar disso, passar por assuntos complexos, como a história política brasileira, de forma muito rápida pode ser considerado um ponto falho em sua obra. Ademais, Zirin demonstra uma visão demasiadamente anacrônica e nostálgica em relação ao esporte sem a participação das grandes corporações e patrocinadores, já que pensar o esporte de alto rendimento na atualidade sem esse tipo de vinculação ao mercado parece inviável, apesar de todos os problemas relacionados a isso muito bem relatados na obra.

Recebido em: 02/06/2016

Revisado em: 02/11/2017

Aprovado em: 21/11/2017

Endereço para correspondência:

[mariathereza\\_souza93@yahoo.com.br](mailto:mariathereza_souza93@yahoo.com.br)

Maria Thereza Oliveira Souza

Universidade Federal do Paraná, Departamento de Educação Física.

Rua Coração de Maria, 92

Jardim Botânico

80210-132 - Curitiba, PR - Brasil